

Feminismo decolonial em Teresa

Cárdenas e Miriam Alves

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti¹

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo

O continente americano exibe diversidades quando pensamos na economia, no acesso à escolaridade, à saúde, dentre outros. No entanto, alguns comportamentos herdados nos aproximam, principalmente considerando a América Latina. Um deles é o tratamento dado às mulheres. Se a América Latina dispõe de um índice grande de iniquidades e abusos em relação às mulheres, talvez um reflexo de muitos séculos de colonização espanhola e portuguesa, o índice de desigualdade e violência aumenta sobremaneira quando colocamos na equação a vida das mulheres negras. Este artigo traz reflexões sobre o feminismo decolonial presente na escrita de duas escritoras negras latinas, uma de Cuba e outra do Brasil. Trata-se de duas narrativas: um diário – *Cartas para Minha Mãe*, de Teresa Cárdenas, e um conto – “Cinco Cartas para Rael”, parte da coletânea *Mulher Mat(r)iz*, de Miriam Alves. Partiremos do embate entre as opressões de gênero e raça regidas pelo patriarcado a fim de chegarmos a um apelo contra essas opressões, observadas nas personagens protagonistas femininas de Cárdenas e Alves. Para além de refletirmos sobre como essas personagens representam-se dentro desse sistema, analisaremos também as personagens sexistas patriarcais, homens e mulheres, em ambas as narrativas, para então problematizarmos os desabafos das protagonistas femininas negras em relação ao racismo, ao sexismo e ao colonialismo. Reprovando os privilégios, a opressão e a discriminação da sociedade patriarcal, essas personagens se mostram fortes, a ponto de, por meio de suas escritas, se libertarem das agonias cotidianas.

Palavras-chave

Feminismo decolonial. Teresa Cárdenas. Miriam Alves. Patriarcado.

As nossas reflexões originam-se de duas narrativas: um diário – *Cartas para Minha Mãe* (2010), de Teresa Cárdenas – e um conto – “Cinco Cartas para Rael”, parte da coletânea

¹ Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo-USP (2013). Professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPLET).

Mulher Mat(r)iz (2011), de Miriam Alves. Nessas narrativas temos o gênero epistolar como fundamentação na estrutura e o gênero performativo decolonial como fundamentação acerca do conteúdo, da temática desenvolvida por ambas escritoras.

Apoiando-nos no pressuposto de que as protagonistas negras não são retratadas como mulheres frágeis, pois descobriram uma estratégia de criação das próprias formas de sobrevivência, não permitindo serem desestabilizadas por gênero e raça, seja porque sofrem a sujeição proveniente dessa ação ou porque encontram também submissão em outras personagens femininas.

Nesse sentido, trataremos do pensamento decolonial proposto neste artigo, segundo Souza (2018), pelo

Grupo de Estudos Subalternos Latino, cujo objetivo é dar um valor maior para a experiência subalterna. Assim, tendo visto o apagamento e silenciamento de personalidades subjugadas, os pensadores (Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel, Aníbal Quijano dentre outros) buscam criar um ambiente em que possam ser escutados, valorizados (SOUZA, 2018, p.11, parênteses nosso).

Assim, acrescenta Maldonado-Torres: “a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36). Ou seja, a colonialidade, entendida como tirania dos países imperialistas capitalistas sobre suas então colônias ou ex-colônias, é combatida pelo pensamento decolonial ou pela decolonialidade no sentido de, como apontado por Souza (2018, p. 11, parênteses nosso), “criar um ambiente em que (os subalternos) possam ser escutados, valorizados”. Essa é a condição *sine qua non* desse pensamento ou teoria.

Seguindo a evolução dos estudos subalternos indianos, a América Latina empreendeu o conceito com um grupo, na maioria, formado por homens latinos em terra estrangeira. Os estudos subalternos ganharam fôlego com a participação de feministas pesquisadoras, incluindo nos estudos decoloniais, já mencionados pelo grupo anterior, as vozes das mulheres, ditas e afirmadas diretamente por elas. Não podemos deixar de apontar sobre o nosso conhecimento acerca do fato de Dignolo, Grosfoguel e Quijano já haverem mencionado o ponto de vista dos negros, indígenas, LGBTQIA+ e mulheres. No entanto, isso acontece sempre a partir da perspectiva masculina desses teóricos².

² Ao trazer o diálogo entre Foucault e Deleuze (“Os intelectuais e o poder”), Gayatri Spivak (2010, p. 31-32), afirma que: [...] Dois sentidos do termo “representação” são agrupados: a representação como “falar por”, como ocorre na política, e a representação como “re-presentação”, como aparece na arte ou na filosofia. Como a teoria é também apenas uma “ação”, o teórico não representa (fala por) o grupo oprimido.

Queremos deixar clara a perspectiva dos autores quanto ao termo subalterno: o iterar para ressignificar, tornando a comunidade subalterna acima mencionada – classificada nessa categoria pelas sociedades hegemônicas – não mais silenciada; posta em relevo e fazendo-se ouvir por meio da literatura. Aliás, a força da leitura de Jaques Derrida (um dos quatro *cavaleiros do apocalipse*), segundo eles, pode ser entendida na linguagem como escrita. Na linguagem, (d)os preconceitos e racismos interseccionados, Lélia Gonzalez (2019) traz a América, recheada de racismo, sexismo, colonialismo, exploração capitalista. Tal América está contida no diário e no conto supracitados. São desabafos de personagens femininas latinas negras cujas performances as libertam das agonias cotidianas. Essas mulheres, por meio de cartas, reprovam as discriminações, os privilégios de uns em detrimento de outros e a opressão masculina, sempre inscrevendo em poéticas poderosas os corpos negros na sociedade. Não há apagamento, inscrevem-se sobre rasuras, solicitando espaços e alargando as linhas do texto.

Ao mencionarmos as palavras discriminação, privilégios e opressão masculina, lidamos com um sistema que sustenta essas categorias: o patriarcado. Esse sistema violento tem corroborado na perpetuação de formas autoritárias de condutas por parte do “sistema-mundo” capitalista hegemônico masculino branco, alicerçado no poder sócio-histórico-cultural conferido a ele. bell hooks afirma que:

[...] o patriarcado é caracterizado pelo poder e dominação do macho [...]. Nós precisamos ressaltar o papel que as mulheres têm em perpetuar e garantir a cultura patriarcal para que reconheçamos o patriarcado como um sistema em que homens e mulheres mantêm igualmente, mesmo os homens recebendo mais recompensas do sistema [...]. O patriarcado promove insanidade. Está na raiz de todas as doenças psicológicas que assolam homens na nossa sociedade [...]" (HOOKS, *s/d; s/p*, tradução nossa).

Para a autora, o patriarcado é um sistema tóxico que deve ser (re)pensado pelas sociedades a fim de combatê-lo. Feministas de todas as épocas e lugares têm discutido esse sistema e lutado arduamente pelo seu extermínio. A conquista por espaços de legitimidade por parte das mulheres e de outras categorias subalternas do Sul Global tem feito frente ao masculinismo branco patriarcal. Entretanto, ainda há muito a conquistar, principalmente por parte das mulheres negras.

Segundo Ramón Grosfoguel,

O patriarcado europeu e as noções europeias de sexualidade, epistemologia e espiritualidade foram exportadas para o resto do mundo através da expansão colonial, transformadas assim nos critérios hegemônicos que iriam racializar, classificar e patologizar o restante da população mundial de acordo com uma hierarquia de raças superiores e inferiores [...] (GROSFOGUEL, 2008, p. 124).

Corroborando Grosfoguel, Aníbal Quijano (2005) ainda destaca que a Europa também exerceu e tem exercido (hoje juntamente com os Estados Unidos) controle sobre a subjetividade e a cultura do Sul. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 3, parênteses nosso) atesta que “a invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma dessas formas de conhecer” (no caso, o saber científico do monopólio epistemológico do Norte), seriam os “conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas do outro lado da linha” (refere-se à linha abissal que separa os hemisférios norte e sul). Cria-se, então, um paradigma de regulação, anulando ou excluindo essas outras subjetividades, saberes e culturas.

A nigeriana Oyèrónké Oyêwùnmí (2018, p. 171) pontua que as categorias de gênero e raça emergiram na era da modernidade, a partir do século XVI, como “dois eixos através dos quais, pessoas são exploradas e sociedades estratificadas”. A expansão da Europa e dos Estados Unidos como uma hegemonia cultural euro/estadunidense tem causado efeitos negativos, como interesses, neuroses, preconceitos, predileções, preocupações, na escrita da história humana. Segundo Oyêwùnmí,

[...] um dos efeitos do eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como a fonte do conhecimento, e os europeus, como os conhecedores. De fato, o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu é consagrado na cultura da modernidade (OYÊWÛNMÍ, 2018, p. 171).

Ou seja, o homem branco/heterossexual/eurocentrado é o detentor do conhecimento. Para ele se creditam as decisões epistemológicas tomadas no “sistema-mundo” capitalista. Cabe às mulheres buscar espaços de fala e agência.

Em *Cartas para Minha Mãe*, a protagonista e narradora (não nomeada), quando é destratada sendo chamada de “beijuda” pela colega de escola e pela avó, não se deixa intimidar e afirma: “não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beição. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra” (CÁRDENAS, 2010, p. 19). Da mesma forma, em “Cinco Cartas para Rael”, a protagonista negra (também não nomeada), lamentando a separação com o namorado, escreve a quarta carta (das cinco endereçadas a ele), revoltada por ter sido trocada por uma mulher branca, com um tom de opinião destemida e uma crítica com relação à nova namorada:

Você sublimou o romance com Marli. Branquela metida à besta, sempre discursando sobre a necessidade da união dos negros. O ar superior, arrogante, paternalista, dona da verdade, irritava-me. Controlei meus impulsos para não mandá-la procurar a turma dela. Na certa, a sorrir com o beneplácito de uma princesa, me chamaria de revoltada racista. Petulante, acrescentaria, como sempre, só querer ajudar os negros sem maiores intenções (ALVES, 2011, p. 75).

Percebe-se, nos trechos supracitados, as reflexões empoderadas de ambas as personagens que não se envergonham da sua negritude, posicionando-se dentro de seus lugares de fala. Rosane Borges trata desse lugar de representatividade. Para Borges, “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo” (BORGES *apud* RIBEIRO, 2019, p. 83). As personagens nos trechos mencionados procuram driblar as diferenças ao mostrarem-se firmes no que acreditam ser uma postura contrária aos preconceitos, racismos, sexismos, dentre outras formas inferiorizadas do existir. Ao agirem assim, essas personagens femininas decolonizam os saberes eurocêntricos instituídos.

Vejam os outros exemplos dessa decolonização no diário e no conto, respectivamente:

Lembra o carpinteiro Pedro? Pois o pai de Sara é igual a ele e – atenção! –, acho que ela sente vergonha, porque quando ele aparece na escola, para buscá-la ou conversar com a professora, Sara se faz de desentendida e se afasta um pouco para que os outros pensem que não vêm juntos. Um filho não deve sentir vergonha porque seu pai se parece com o carpinteiro Pedro. O amor não tem nada a ver com a cor (CÁRDENAS, 2010, p. 11-12).

Selecionei fotos para a mostra, sem entusiasmo. O importante não era o trabalho, era estar lá exibindo a minha origem, expor a cor da minha pele. Vou pedir emprestado o seu sorriso. Preciso de molduras. O falso sorriso é boa moldura. Envio-lhe algumas sequências fotográficas [...] (ALVES, 2011, p. 78).

Nos referidos trechos, as personagens, mais uma vez, mostram suas posturas com relação à cor da pele. Ambas desestabilizam o conceito de que a cor da pele importa para serem vistas e ouvidas. Pelo contrário, para ambas, a pele branca não embranquece o amor (Cárdenas), e a pele negra demonstra o orgulho da origem da personagem (Alves).

Os procedimentos usados pelas narradoras personagens fazem-nos pensar “a condição do negro na sociedade brasileira a partir da experiência da diferença colonial. A partir do lugar epistêmico do negro nessa sociedade” (GROSFOGUEL; BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 20). Sendo assim, podemos dizer que tanto o diário quanto o conto, ambos de autoria feminina cubana e brasileira, respectivamente, constam do projeto decolonial na medida em que abordam a temática negra de uma perspectiva de afastamento da colonialidade, ou seja, do poderio branco/heterossexual/patriarcal para construir uma nova forma de “engajamento crítico contra (uma) colonialidade do poder, saber e ser” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 45, parênteses nosso). As personagens protagonistas das narrativas exemplificam esse projeto decolonial ao apontarem um lado combativo dos preconceitos e valorizarem sua origem e seus corpos negros.

Chimamanda Ngozi Adichie, teórica e pesquisadora nigeriana, radicada nos Estados Unidos, propõe um feminismo no qual homens e mulheres, conjuntamente, tenham condições de abolir o patriarcado, se acreditarem na “igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHIE, 2015, p. 49). bell hooks (1995) também compactua do fato de que, se não houver uma união e uma compreensão sobre o que é realmente esse patriarcado e de que forma ele age prejudicando toda a sociedade, incluindo o homem branco hétero, não há como efetivamente suprimi-lo. Nesse sentido, Adichie (2015) propõe em seu livro *Sejamos todos Feministas* essa tomada de consciência sobre os desserviços que, desde longa data, as mães e a sociedade em geral têm feito para os meninos e também para as meninas.

Em *Cartas para Minha Mãe*, a avó da garota protagonista porta-se de forma bastante patriarcal, subjugando raça e gênero. Lélia Gonzalez tem algo a dizer sobre essa negação da raça:

O mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (GONZALEZ, 2019, p. 346).

Isso acontece em um trecho no qual a garota desabafa, com sua “mãe falecida”, sobre uma fala da avó: “Mamãe, minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco” (CÁRDENAS, 2010, p. 13). Em outro trecho, a narradora ainda assinala os maus-tratos da avó por ser a mais negra das netas:

[...] ela me deu um tapa com toda a força. – Cale essa boca, beijuda! Parece uma ave de mau-agouro! – xingou ela antes de ir atrás de titia no quarto onde Lilita estava ardendo em febre. Desde então, todos me chamam de beijuda nessa casa onde eu não queria morar (CÁRDENAS, 2010, p. 17).

A avó, portanto, internaliza os preceitos da sociedade patriarcal branca, maltratando a neta, negando a negritude da menina (provavelmente por ser a mais negra da família) e colocando-a para realizar os trabalhos domésticos na casa da tia. A avó, de fato, é o retrato de séculos de colonização e escravatura, mas como mulher negra africana, a matriarca mantém a sabedoria ancestral pelas ervas e as benzeções, mesmo desesperada aos olhos da neta sem nome: “Vovó está feito louca. Botou a casa de pernas para o ar com suas ervas. Depois, pegou um galho de pau-ferro, banhou-o com cachaça, defumou-o com o cigarro e ‘limpou-nos’ com ele.” (CÁRDENAS, 2010, p. 23).

A avó, como a tia e a prima mais nova, Niña, são, aos olhos da menina, responsáveis por momentos importantes de opressão da garota. Certa feita, a protagonista leva a prima até a escola e relata o seguinte: “Antes de chegarmos à escola, Niña parou e ficou me examinando

como se eu fosse um bicho raro: ‘Na verdade, você é mesmo preta e beijuda’, disse ela. E sabe o que ela fez? Cuspiu em mim!’ (CÁRDENAS, 2010, p. 77). No entanto, essas discriminações revelam o processo colonizador na hegemonia política do conhecimento ofertado para a família.

Ao mesmo tempo em que conhecimentos hegemônicos colonizadores são mantidos, na família, os homens não ficam e a narradora, mesmo criança, joga com essas personagens o tempo todo, na tentativa de compreender como esse princípio é cruel e muitas vezes imputado às próprias mulheres sem informação, insensíveis e mantenedoras da truculência das violências naturalizadas por um processo brutal que minimiza e impossibilita o outro não colonizado.

Em “Cartas para Rael”, há uma passagem na qual a narradora-personagem procura não acreditar no fato de a sociedade impor ações e atitudes quando pensa na opção de Rael por ficar com uma branca. Essa opção reflete uma busca de olhares sociais que o valoriza mais enquanto homem negro por ter conquistado uma mulher branca. A narradora, ao refletir sobre esse fato, desabafa:

Esta maldita sociedade! O que fazer? “*Mas é a sociedade*”, afirma. Demonstra impotência perante fatos. Preocupo-me. Imagino-o no consultório. Impõem, será dependência e resignação. Quero estar enganada, certamente estou, psicologia nunca foi meu forte. Analiso o mundo, as pessoas, através da câmera fotográfica, nas horas vagas. Nas outras horas, atendo as exigências de um chefe chato no escritório de advocacia [...] (ALVES, 2011, p. 69).

Diante, então, dessas “violências naturalizadas”, sejam na representação da avó ou na perspectiva de ascensão social pela cor da pele, os indivíduos em negativa (a garota em Cárdenas e a mulher em Alves) manifestam-se de forma a buscarem, em suas confissões, um alívio para tanto desrespeito e desconsideração.

O patriarcado arraigado na cultura e mantido pelo sistema da não informação privilegia, em certa medida, os homens brancos heterossexuais e as personagens masculinas negras de Cárdenas. Sem saída para a barbárie quando submetidos à escravatura, os homens usam o patriarcado e oprimem as mulheres negras. bell hooks, em “Challenging Sexism in Black Lives”, um dos capítulos do livro *Killing Rage: ending racism* (1995), afirma haver uma demanda para o conhecimento da História e dos papéis dados ao homem negro antes de criticá-los; além de uma reivindicação de superação desses homens negros aos condicionamentos implementados pelo patriarcado a fim de obliterá-los.

A narradora, ao expor as personagens masculinas, é bem crítica. No nosso entendimento, aventamos a possibilidade de que as escritoras negras, em conjunto com estudiosas feministas e estudiosas/os dos estudos decoloniais, propõem alguns meios de desafiar o sistema nocivo tanto às mulheres quanto aos homens, embora muitos não saibam da

existência desse sistema, como aponta bell hooks em artigo (*s/d*) sobre o fato de homens americanos desconhecerem o termo “patriarcado” e os horrores dele advindos.

As personagens masculinas de Cárdenas certamente desconhecem. Ironicamente, são nomeadas: “titia nunca fala do pai de suas filhas. Vovó diz que é um sem-vergonha. O nome dele é Manuel e ele tem mau gênio. Saiu um dia e nunca mais voltou” (CÁRDENAS, 2010, p. 29). É Manuel também o pai da narradora menina. Em uma das cartas finais, ela informa a história contada pela avó, quase à morte e como sempre endereça as angústias à mãe:

Vovó ficou muito tempo sem saber de você e, quando nasci, descontou tudo em cima de mim. Segundo diz, cada vez que olha para mim, se lembra de tudo. Não sei o que você faria se tivesse acontecido com você. Deve ter sido muito duro para titia. [...] O ruim é que depois abandonou você também. Foi embora. Sumiu (CÁRDENAS, 2010, p. 96).

Além do primeiro marido, titia agora tem um namorado, Fernando, mais claro e de cabelo liso, comprovando o comportamento assimilacionista da família, com exceção da menina das cartas. Apesar de aceito imediatamente, Fernando prova ser um alcoólatra abusivo: aproveita-se sexualmente de Lilita (a filha acamada), bate, trai e abandona a mulher.

Entendemos, assim, que a problemática do patriarcado minimiza toda a gama de realizações das mulheres negras prioritariamente, sempre muito exigidas. Para que elas consigam ser felizes e ter voz nesse sistema-mundo capitalista patriarcal despótico, é preciso um esforço, quase sobre-humano, para conquistar espaços e mostrar que corpos, cor de pele e cabelos negros, importam.

Kate Millet, feminista e teórica crítica do patriarcado, afirma que:

O que não é amplamente examinado, nem mesmo frequentemente reconhecido (ainda que não obstante institucionalizado) em nossa ordem social, é a prioridade inata segundo a qual os homens dominam as mulheres. Por meio desse sistema, a mais brilhante forma de “colonização interior” tem sido alcançada. É a que tende, inclusive, a ser mais resistente do que qualquer forma de segregação, e mais rigorosa do que a estratificação de classe, mais uniforme, certamente mais duradoura. Entretanto, por mais silenciosa que sua presente aparência possa ser, a dominação sexual, obtém, entretanto, talvez a mais difundida ideologia em nossa cultura e fornece a mais fundamental concepção de poder. Isso acontece porque nossa sociedade, como todas as outras civilizações históricas, é patriarcal (MILLET, 2000, p. 25, tradução nossa).

O patriarcado traz a violência em seu cerne. A violência respinga com todo ardor principalmente nas mulheres, e com mais afinco nas mulheres negras. São tratadas como subalternas, ora como mulheres hiperssexualizadas, ora como serviçais à mercê de classes sociais brancas – ou as duas coisas ao mesmo tempo. Nesse sentido, Angela Davis, tratando do abuso sexual institucionalizado que continuou forte após a abolição da escravatura, afirma ser

o abuso contra as mulheres negras manifesto de todas as formas: aberta, fechada, pública e privada. Para ela:

[...] há o drama diário do racismo representado pelos incontáveis e anônimos enfrentamentos entre as mulheres negras e seus abusadores brancos – homens convencidos de que seus atos são naturais. Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais. Até mesmo a extraordinária escritora Gertrude Stein descreveu uma de suas personagens negras como possuidora da “simples e promíscua imoralidade o povo negro”. A imposição dessa maneira de enxergar as mulheres negras aos homens brancos da classe trabalhadora foi um momento de triunfo para o avanço da ideologia racista (DAVIS, 2016, p. 181).

No diário e no conto, as protagonistas relatam cenas de abuso sexual e violência que acontecem a outrem e/ou consigo mesmas. Nessas cenas percebemos o quanto a violência e a opressão masculinas as afetam.

Em *Cartas para Minha Mãe*, além da avó da protagonista, duas personagens masculinas são o protótipo do patriarcado: Manuel (o pai da garota) e Fernando (o namorado de titia), já mencionados anteriormente. Referindo-se à tia Catalina, a narradora anuncia que, após muito tempo, ela finalmente “arranjou um namorado”. No entanto, Fernando age como um típico representante do poder viril: gosta de ter tudo à mesa quando chega em casa, dá ordens para a protagonista buscar o cinzeiro ou um café, entre outras. Faz-se de bom moço, sendo “paparicado” pelas mulheres da família, até que chegando bêbado um dia, vai ao quarto de Lilita, a filha doente de Catalina que não pode sair da cama, e a estupra. A cena é descrita pela narradora da seguinte forma:

[...] foi para a cozinha tomar um café. Depois ouvi ele abrindo a porta do quarto de Lilita. Achei aquilo estranho. Então fui ver se tinha acontecido alguma coisa com ela. Fiquei gelada. Fernando estava sentado na cama e olhava para Lilita como um imbecil. Ela estava com a camisola toda aberta e, de tanta vergonha, não levantava a cabeça (CÁRDENAS, 2010, p. 65).

Embora tenha apenas dez anos, a narradora-personagem mostra-se madura em suas reflexões e percepções, talvez por ter estado disposta a uma série de privações: perda da mãe, não acolhida pela família, trabalho forçado. Morando de “favor” na casa da tia, acaba sendo empregada da família (tia, avó e filhas). Apesar da suposta maturidade, a cena de estupro da prima a choca. Cárdenas descreve poeticamente a incompreensão da menina diante de tanta violência.

Neste próximo extrato, a garota conta (à mãe) que Fernando chegou bêbado e quase matou sua tia:

Empurrou a coitada até o pátio e encheu ela de tapas. Nessa noite titia dormiu com Niña. No dia seguinte, Fernando sumiu de casa. Acho que titia não disse nada à vovó, mas com certeza ela suspeita de alguma coisa. Fernando só apareceu uns quinze dias depois. De barba por fazer, todo sujo. Parecia vinte anos mais velho. Sem dizer nada a ninguém, enfiou-se no quarto e ficou lá dentro a tarde inteira. Titia preparou um banho para ele e lhe deu comida na boca, como se faz com as crianças. Nessa noite, a cama não parou. Kitipam, kitipam, kitipam! Kitipam, kitipam, kitipam! (CÁRDENAS, 2010, p. 75-76).

Percebe-se a submissão da tia em relação a Fernando. Ele desaparece e aparece quando bem quer e tudo volta ao normal, como se nada tivesse acontecido. Essa é uma forma de apelo da escritora quanto à informação dada para as mulheres negras das suas possibilidades. A autoestima dessas mulheres as fazem sustentar o patriarcado – quando a dor e o sofrimento não são rebatidos, mas ocultados em função de uma subserviência. Isso não é algo incomum. A literatura revela faces da vida. Já é sabido que muitas mulheres, por medo, não denunciam as violências e os crimes cometidos por homens no âmbito privado, passando por cima de sua própria dignidade. Assim, mesmo inconscientemente, corroboram a permanência do modelo patriarcal.

Em “Cartas para Rael” também temos relatos de cenas de assédio, violência e abuso sexual contra a mulher. Na carta número 2, a narradora revela os arroubos do chefe branco:

Eu quero ser fotógrafa artística, revelar o mundo segundo minha lente objetiva. Tenho, talvez, por muito tempo, que ouvir os desaforos daquele barrigudo do meu chefe. **Nojento, acha que mulher, principalmente mulher negra, está à disposição dos seus arroubos lascivos.** Já aprontou boas. É desrespeito em cima de desrespeito. Só falta cantar: “*Aí, meu Deus, que bom seria se voltasse a escravidão/eu pegava esta mulata e prendia...*”. Convenhamos, seria o coroamento do desacato. **Tentou agarrar-me à força.** Vou fingindo que não vejo. Desvencilhando-me da melhor maneira. Qualquer dia, encho de tapas aquela cara branca, gordurenta, macerada pelo tempo, de barbeado mal feito. Perco o emprego. Ele se acha o dono do mundo. Acredite, ainda não lhe meti a mão na cara” (ALVES, 2011, p.71, grifos nossos).

A protagonista é secretária e sofre com os desrespeitos. Quer mudar de emprego, mas, por ora, precisa ainda conservar o atual. No entanto, esquiva-se do chefe, não se deixando intimidar. De qualquer maneira, ele se acha no direito de assediá-la. Como apontado anteriormente por Angela Davis, o homem branco crê na naturalidade de seus atos com relação às mulheres, em especial às negras. Afirma que elas “merecem” ser violentadas, posto ser essa a condição social delegada à mulher pelo patriarcado.

Na carta número 3 para Rael, a protagonista lembra-se de uma cena em que estava sentada à mesa de um bar com Rael quando ele comentou a história de uma de suas clientes, negra, e ficou chocado. A narradora então reconta a história sob sua perspectiva:

A mulher foi estuprada na saída de um baile. Sofri por ela. Fiquei calada, pensamento girando, tentando imaginar relação sexual forçada, violenta. Revoltei-me ao saber que tinha lhe sobrado um feto sífilis e muito a pensar, reformular a vida. Admirei seu trabalho. Admirei seu espanto, raiva demonstrada ao lembrar-se da história. Questionava-me se a indignação baseava-se no estupro, ou no fato de o estuprador ser branco, de boa aparência, gentil, que ofereceu uma carona para ela. Não importa. Fiquei emocionada com seus sentimentos [...] (ALVES, 2011, p. 73).

No excerto acima, a narradora comove-se com o fato de Rael sentir-se incomodado com a história de estupro de sua cliente. Essa é a proposta de muitas feministas negras – a de ter o homem negro como aliado no combate ao patriarcado e não como inimigo.

Diante do exposto, vale dizer que o combate às formas sociais de opressão feminina interseccional, sustentadas pelo patriarcado, é um projeto das feministas negras e brancas. Conforme afirma a narradora de Cárdenas: “O amor não tem nada a ver com a cor” (CÁRDENAS, 2010, p. 12). Todas concordam com o fato de ser o patriarcado um sistema absolutamente nocivo para toda forma de equidade e humanidade. Para tanto, projetos de combate dirigem-se às formas de decolonização do poder, do saber e do ser, eurocentrados: os próprios passos para o esfacelamento desse sistema.

As protagonistas dos textos aqui citados já demonstram esse processo de decolonização quando fazem as suas identidades negras valorizadas e quando “rasgam o verbo” para criticar aquilo que as incomoda – o estupro, a violência, as opressões de raça e gênero. Rompendo os processos de exclusão e silenciamento, historicamente instituídos pela colonialidade, as personagens protagonistas das narrativas exemplificam um projeto decolonial ao apontarem um lado combativo dos preconceitos, valorizando sua origem e seus corpos negros.

Referências

ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para Minha Mãe**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amerifricanidade. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 341-352.

GROSGUÉL, Ramón; COSTA-BERNARDINO, Joaze. Decolonialidade e Perspectiva Negra. n. 1, v. 31, **Revista Sociedade e Estado**, Janeiro/Abril 2016.

GROSGUÉL, Ramón; COSTA-BERNARDINO, Joaze. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra**, n. 80, mar. 2008, p.115-147.

hooks, bell. **Killing Rage: ending racism**. USA: Penguin Books, 1995.

hooks, bell. **Understanding Patriarchy**. s/d, s/p. Disponível em: <https://imagineborders.org/pdf/zines/UnderstandingPatriarchy.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2020.

MILLET, Kate. **Sexual Politics**. Urbana: University of Illinois Press, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade de Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Editora Clacso: Buenos Aires, 2005, p.117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 07 dez. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos Cebrap**, n. 79, São Paulo, nov. 2007, p. 71-94.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Davi Silistino de. **A subalternidade em Cloud Atlas, de David Mitchell**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Ibilce), São José do Rio Preto, 2018.

TORRES-MALDONADO, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (orgs). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 27-53.

DECOLONIAL FEMINISM IN TERESA CÁRDENAS AND MIRIAM ALVES

Abstract

The American continent displays diversities when considering the economy, people's access to education, to health care among others. However, some inherited behaviors bring us closer, especially in view of Latin America. One of them is related to how women are treated. If Latin America has a large index of inequities and abuses against women, perhaps due to centuries of Spanish and Portuguese colonization, the index of inequality and violence greatly increases when we call into question black women's lives. This article reflects upon the decolonial feminism which is present in two black women's writers, one from Cuba and one from Brazil. Two narratives are analyzed: a diary – *Cartas para Minha Mãe* (2010), by Teresa Cárdenas, and a short story – “Cinco Cartas para Rael”, part of a collection of short stories entitled *Mulher Mat(r)iz* (2011), by Miriam Alves. The starting point of our reflections comes from the clash between oppressions of gender and race governed by patriarchy in order to reach an appeal against these oppressions observed in the main female characters of Cárdenas and Alves. In addition to reflecting on how these women represent themselves within that system, we will also analyze the sexist patriarchal characters, men and women, in both narratives in order to problematize the outbursts of the black female protagonists in relation to racism, sexism and colonialism. Showing disapproval of the privileges, the oppression and the discrimination of the patriarchal society, these characters show strength in a way that, through their writing, they free themselves from the everyday agonies.

Key-words

Decolonial feminism. Teresa Cárdenas. Miriam Alves. Patriarchy.

Recebido em: 21/12/2021

Aprovado em: 19/07/2022